Revista COOPEX (ISSN:2177-5052)

Por trás do problema: Fatores de risco associados ao desenvolvimento de depressão na infância

Behind the problem: Risk factors associated with the development of childhood depression

Jourdalany Costa Benício Diniz[1]
Renata Silveira Maciel[2]
Leonardo Renan de Melo Filizola[3]
Manuel Caetano de Brito Neto[4]
Isabella Rolim Dantas[5]
Pedro Henrique Rodrigues Brito[6]
Rebeca Moura de Oliveira Cidade[7]
Edmilson Gonçalves Rodrigues Neto[8]
Paulo Victor Protasio Bezerra[9]
Teodomiro Dutra de Abreu Júnior[10]

RESUMO: A depressão infantil é um transtorno muitas vezes menosprezado, mas de impacto profundo na saúde mental dos pequenos ao redor do mundo. Estimativas do ano de 2019 especulam que cerca de 23 milhões de crianças e adolescentes em todo o mundo vivem com depressão, embora essa cifra possa ser subestimada, coberta pelo véu da peculiaridade e desafio que os sintomas apresentam. Portanto, este artigo possui por objetivo explorar e sintetizar os principais fatores de risco associados ao desenvolvimento de depressão infantil. Trata-se de uma revisão bibliográfica, com busca em bases de dados científicas renomadas, confiáveis e relevantes, como PubMed, Scopus, Web of Science, BIREME e outras fontes acadêmicas pertinentes. Utilizando uma combinação de palavras-chave, como "Psiquiatria Infantil", "Depressão", "Fatores de Risco", foram realizadas buscas detalhadas para encontrar estudos publicados em língua portuguesa, inglesa ou espanhola, com enfoque em artigos publicados nos últimos 10 anos, mas abrindo espaços para artigos mais artigos que permaneçam relevantes dentro do escopo desta pesquisa. Fatores genéticos e biológicos entrelaçam-se com o ambiente familiar, relacionamentos sociais e adversidades na infância, formando um denso emaranhado de fatores que aumentam as taxas de desenvolvimento de depressão na infância. Os padrões genéticos associados ao processamento de neurotransmissores e resposta ao estresse revelam-se como um dos pilares nesse cenário. No entanto, a interação com o ambiente também desempenha um papel crucial, onde disfunções familiares, eventos traumáticos, abusos sofridos, negligências e mudanças de ambiente disruptivas erguem-se como problemas persistentes. O contexto socioeconômico e cultural adiciona camadas complexas, influenciando a percepção e afetando a saúde mental da criança, especialmente em contextos de disparidade e dificuldade de acesso a recursos e serviços de saúde. Mais estudos são necessários a fim de avaliar a eficácia a longo prazo de medidas preventivas com enfoque nesses fatores de risco, com o objetivo central de proteger a saúde das crianças em um mundo repleto de adversidades.
Palavras-chave: Psiquiatria Infantil; Depressão; Fatores de Risco.

ABSTRACT: Childhood depression is a disorder that is often overlooked but with a profound impact on the mental health of children around the world. Estimates from 2019 speculate that around 23 million children and adolescents around the world live with depression, although this figure may be underestimated, covered by the veil of the peculiarity and challenge that the symptoms present. Therefore, this article aims to explore and summarize the main risk factors associated with the development of childhood depression. This is a bibliographic review, searching renowned, reliable and relevant scientific databases, such as PubMed, Scopus, Web of Science, BIREME and other relevant academic sources. Using a combination of keywords, such as "Child Psychiatry", "Depression", "Risk Factors", detailed searches were carried out to find studies published in Portuguese, English or Spanish, focusing on articles published in the last 10 years, but opening spaces for more articles that remain relevant within the scope of this research. Genetic and biological factors intertwine with the family environment, social relationships and childhood adversities, forming a dense tangle of factors that increase the rates of

[1]Médica pela Faculdade de Medicina Nova Esperança. E-mail: jourdalany@hotmail.com;
[2]Graduanda em Medicina pela Faculdade Nova Esperança de Mossoró. E-mail: renata_ce@hotmail.com;
[3]Enfermeiro pela Universidade Regional do Cariri. E-mail: leonardofilizola1988@gmail.com;
[4]Docende do curso de Medicina no Centro Universitário Santa Maria: manuel_cneto@hotmail.com;
[5]Médica pelo Centro Universitário de Patos. E-mail: isabella.rolim@hotmail.com;
[6]Médico pel Faculdade de Ciências Médicas da Paraíba. E-mail: pedrohenriquebrito@hotmail.com;
[7]Médica pelo Centro Universitário Santa Maria. E-mail: rebeca.cidade@hotmail.com;
[8]Graduando em Medicina pelo Centro Universitário do Maranhão. E-mail: edmilsonneto30@gmail.com;
[9]Graduando em Medicina pelo Centro Universitário do Maranhão. E-mail: paulovictorprotasio@gmail.com;
[10]Graduando em Medicina pela Faculdade Nova Esperança de Mossoró. E-mail: juniorpb1@hotmail.com.

developing depression in childhood. The genetic patterns associated with the processing of neurotransmitters and the response to stress prove to be one of the pillars in this scenario. However, interaction with the environment also plays a crucial role, where family dysfunctions, traumatic events, abuse suffered, neglect and disruptive environmental changes emerge as persistent problems. The socioeconomic and cultural context adds complex layers, influencing the perception and affecting the child's mental health, especially in contexts of disparity and difficulty in accessing health resources and services. More studies are needed to assess the long-term effectiveness of preventive measures focusing on these risk factors, with the central objective of protecting children's health in a world full of adversity.
Keywords: Child Psychiatry; Depression; Risk Factors.

DOI: 10.61223/coopex.v14i5.680

1. INTRODUÇÃO

A infância, um palco fecundo de descobertas e crescimento, também revela uma face sombria: a depressão infantil, um transtorno muitas vezes menosprezado, mas de impacto profundo na saúde mental dos pequenos ao redor do mundo. Ela não se limita ao território infantil, transpõe fronteiras, marcando presença no curso da vida, tingindo as esferas emocionais, sociais e cognitivas com suas tonalidades opressivas (HANKIN et al., 2015).

Nos labirintos da infância, a depressão sussurra sua presença, um segredo muitas vezes silenciado. Estimativas do ano de 2019 especulam que cerca de 23 milhões de crianças e adolescentes em todo o mundo vivem com depressão, embora essa cifra possa ser subestimada, coberta pelo véu da peculiaridade e desafio que os sintomas apresentam (UGLI; KAKHRAMONOVICH, 2022). O diagnóstico, uma obra de nuances, tece-se delicadamente entre critérios oscilantes, sintomas dissonantes em relação ao mundo adulto, sobreposições de transtornos, um tabuleiro complexo a decifrar (HANKIN et al., 2015).

Identificar e decifrar a depressão na infância é como navegar por águas turvas: a irritabilidade como um farol, queixas físicas sem causa aparente que ecoam, a falta de concentração em atividades cotidianas além das mudanças no sono afetando a qualidade de vida. A tarefa complexa de desvendar os traços que denotam essa condição exigente se mostra desafiadora (DE FRANCE et al., 2019).

A compreensão dos elos que tecem a rede da depressão na infância torna-se vital para desenhar intervenções eficazes e estratégias preventivas. Estudos, como vigias incansáveis, sondam um vasto horizonte, investigam elementos que tingem esse quadro sombrio: os fios genéticos entrelaçados à sua história, os eventos estressantes que batem à porta, as disfunções familiares que tecem tramas de conflito, as adversidades socioeconômicas que pintam a realidade e as experiências traumáticas que deixam marcas profundas. Esses elementos, emaranhados, emergem como pilares significativos nesse complexo contexto (HAMMEN, 2005; HAROLD; SELLERS, 2018).

Portanto, este artigo possui por objetivo explorar e sintetizar os principais fatores de risco associados ao desenvolvimento de depressão infantil. Ao sintetizar essas informações,

esta pesquisa propõe fornecer um embasamento para possibilitar melhores intervenções na prevenção e tratamento dessa condição.

O presente artigo trata-se de uma revisão bibliográfica, cujo processo metodológico envolveu várias etapas para garantir a abrangência e confiabilidade das informações apresentadas.

Primeiramente, foi realizada uma extensa busca em bases de dados científicas renomadas, confiáveis e relevantes, como PubMed, Scopus, Web of Science, BIREME e outras fontes acadêmicas pertinentes. Utilizando uma combinação de palavras-chave, como "Psiquiatria Infantil", "Depressão", "Fatores de Risco", foram realizadas buscas detalhadas para encontrar estudos publicados em língua portuguesa, inglesa ou espanhola, com enfoque em artigos publicados nos últimos 10 anos, mas abrindo espaços para artigos mais artigos que permaneçam relevantes dentro do escopo desta pesquisa.

A seleção dos estudos foi realizada de acordo com critérios pré-estabelecidos. Foram incluídos artigos que abordavam especificamente os fatores de risco associados ao desenvolvimento de depressão na infância, considerando estudos longitudinais, transversais, revisões sistemáticas e meta-análises. Excluíram-se estudos que não estavam diretamente relacionados ao tema ou que não apresentavam resultados relevantes para a revisão proposta.

Avaliou-se cuidadosamente a qualidade metodológica dos estudos selecionados para garantir a validade e confiabilidade dos dados utilizados na revisão. Fatores como o delineamento do estudo, tamanho da amostra, métodos de coleta de dados e análise estatística foram considerados para avaliar a robustez dos resultados apresentados.

Após a seleção dos estudos relevantes, procedeu-se à análise e síntese dos dados. Foi realizado um levantamento detalhado dos principais fatores de risco associados à depressão na infância, destacando as descobertas mais consistentes, divergências entre os estudos, bem como lacunas na literatura identificadas durante a revisão.

Através dessa metodologia, buscou-se fornecer uma análise abrangente e atualizada dos fatores de risco associados à depressão na infância, baseada em evidências científicas confiáveis e relevantes para a comunidade acadêmica e profissionais da saúde mental infantil.

2. FATORES GENÉTICOS E BIOLÓGICOS

No vasto espectro da compreensão humana, os fatores genéticos assumem papel crucial, revelando-se como o pano de fundo de nossas trajetórias. O histórico familiar emerge indicando caminhos possíveis, apontando para a complexa relação entre genes e depressão. Crianças com ascendência marcada pela depressão carregam o ônus de um risco acrescido, uma herança que

vai além do material genético, ecoando como uma sombra sobre o futuro. Contudo, essa herança genética é apenas um fragmento do mosaico complexo que compõe a depressão na infância, e é na intersecção com os fatores ambientais que seu enigma começa a se revelar (MENTA et al., 2023).

Variantes genéticas se inscrevem na narrativa, delineando uma história de maior suscetibilidade à depressão. Genes relacionados ao humor, processamento de neurotransmissores e resposta ao estresse são peças nesse tabuleiro, mas a compreensão dessa condição transcende a linearidade genética. É como decifrar um código, onde uma única variante genética não dita o destino, e múltiplos genes contribuem para a tessitura do risco (XIA; YAO, 2015).

Os neurotransmissores, mensageiros da emoção, desempenham seu enredo nas sinapses, mas quando desequilibrados, influenciam o tom da emoção. As variações nas estruturas e funções cerebrais compõem uma sinfonia de complexidade, onde o córtex pré-frontal e o sistema límbico se revelam como teatros da expressão da depressão na infância, desenhando uma intrincada interconexão entre a biologia e o desenvolvimento dessa condição (FORBES; DAHL, 2012).

Os fatores ambientais, com sua teia de eventos estressantes, traumas e a tonalidade do ambiente familiar, reverberam também na expressão genética. A interação entre genes e ambiente se revela como um diálogo que molda a vulnerabilidade da criança à depressão. É nessa dança de interações que se tece a compreensão mais abrangente e envolvente desse quadro complexo, uma abordagem que busca unir esses dois mundos para compreender a depressão infantil em sua totalidade (GALBALLY et al., 2019; PLUESS; BELSKY, 2009).

Contudo, no mosaico de peças que compõem a depressão infantil, identificar marcadores genéticos ou mecanismos neurobiológicos isolados não é o suficiente. A complexidade e heterogeneidade desse quadro tornam o desvendar de seus segredos um desafio infindável. Apesar do acúmulo de evidências, os espaços vazios em nosso conhecimento sobre essas interações e sua manifestação ao longo do desenvolvimento infantil nos desafiam a buscar estudos mais profundos e abrangentes nesse vasto domínio (XIA; YAO, 2015).

3. AMBIENTE FAMILIAR E RELACIONAMENTOS SOCIAIS

Os bastidores da infância, onde se urdem os fios da compreensão emocional, são forjados no cerne do lar, um território onde os sentidos se tecem, e o aprendizado se mescla com o afeto. É nesse espaço que se desenha o esboço inicial das relações, a interação com os estresses e a percepção das próprias emoções. Entretanto, quando esse ambiente se contorce em dissonâncias, como conflitos constantes, abusos ou desestabilizações familiares, erguem-se

ameaças à saúde emocional da criança. A exposição a tais disfunções é como uma sombra, capaz de arquitetar não apenas dificuldades emocionais imediatas, mas também desencadear a sombra da depressão, ecoando nos passos da infância até a maturidade (BLACK; GOLDSTEIN; KLEIN, 2019).

Perdas inesperadas, reviravoltas abruptas no ambiente familiar, todos têm o potencial de incitar reações adversas, catapultando crianças para um terreno arriscado de saúde mental instável. Contudo, a capacidade de resistência, um fio tênue que varia de infante para infante, é entrelaçada por uma miríade de fatores, incluindo o alicerce emocional encontrado no seio do ambiente familiar e social (BLACK; GOLDSTEIN; KLEIN, 2019).

O amparo emocional, como um porto seguro, se revela como um salva-vidas em meio às ondas do cotidiano. Um ambiente familiar que adorna o diálogo franco, a expressão saudável das emoções e a compreensão mútua emerge como um anteparo contra as garras da depressão na infância. Esse suporte emocional, entoado pelos pais e cuidadores, desempenha um papel fundamental na jornada da criança, capacitando-a a enfrentar os desafios emocionais e os estressores externos, oferecendo o abraço necessário para um desenvolvimento emocional saudável (YAP et al., 2014).

Porém, além do âmbito familiar, os fios do equilíbrio emocional se entrelaçam nos relacionamentos sociais, um universo onde se forjam os laços e se entrelaçam os afetos. As interações escolares, as amizades, são peças-chave na construção socioemocional da criança. Uma teia de apoio social, permeada por laços positivos, ergue a autoestima, lapida habilidades sociais e pinta uma visão mais radiante da vida, elementos atrelados a um menor risco de mergulhar na depressão. Contudo, experiências sociais nocivas, como o flagelo do bullying, o ostracismo ou a solidão, podem amplificar consideravelmente o risco de distúrbios mentais, incluindo a sombra da depressão, na infância (COPELAND et al., 2013).

4. ADVERSIDADES E ESTRESSORES NA INFÂNCIA

No labirinto intricado da infância, os eventos traumáticos despontam como estrelas cadentes, incendiando o céu da saúde mental infantil. Perdas dilacerantes, acidentes abruptos, tragédias naturais ou o toque de violência podem ser como rajadas de tempestades, deixando marcas profundas no solo frágil da psique infantil. Sob suas sombras sombrias, despertam-se sintomas de uma depressão latente, traumas que reverberam e distorcem o tecido do desenvolvimento saudável (MCLAUGHLIN et al., 2016).

Seja o abuso físico, emocional ou o toque macabro do abuso sexual, suas cicatrizes ecoam nos corredores da saúde mental, semeando comportamentos problemáticos, minando a

autoestima, desenhando uma teia de relacionamentos difíceis e aumentando a vulnerabilidade à depressão. Da mesma forma, a negligência, essa ausência de cuidado, afeto e orientação, é como um pássaro sem ninho, privando a criança do amparo crucial para trilhar um caminho saudável (NORMAN et al., 2012).

Divórcios, lares instáveis, batalhas familiares que ecoam como trovões contínuos e transições abruptas são como turbilhões, destroçando a estabilidade emocional e psicológica das crianças, tornando-as mais suscetíveis à depressão.

Além disso, as mudanças culturais, migrações e danças de transições sociais são como correntezas impetuosas que arrastam a infância para novos cenários, separações de entes queridos, barreiras linguísticas e culturais. Esses desafios são como ventos gélidos, afetando o estado emocional das crianças e elevando a probabilidade de enfrentar problemas de saúde mental, incluindo a sombra escura da depressão (AMATO, 2014).

Nos subterrâneos das adversidades, a pobreza e a escassez de recursos são como garras, restringindo o acesso à saúde, à educação e a ambientes seguros. Esses desafios criam um terreno fértil para o crescimento de problemas de saúde mental na infância, como ervas daninhas num solo infértil (EVANS; KIM, 2013).

Por fim, há também as notas mais raras nessa sinfonia de desafios, como conflitos, doenças crônicas ou condições de vida adversas, que podem compor um quadro de depressão na infância. Entender essa orquestra complexa de estressores e adversidades é a chave para identificar, prevenir e intervir precocemente na depressão infantil, para regar o solo do desenvolvimento emocional infantil com um manto mais saudável e solidário (MCLAUGHLIN et al., 2015).

5. FATORES PSICOSSOCIAIS E COMPORTAMENTAIS

Nos recantos complexos e multifacetados da infância, os fatores psicossociais erguem-se como peças de um quebra-cabeça, moldando a trama da depressão infantil. A atuação parental, por exemplo, emerge como um epicentro de investigação, onde diferentes abordagens são examinadas como esculpidoras do psicológico infantil. Um estilo parental autoritativo, com seus limites nítidos, apoio emocional e diálogo aberto, parece desenhar um horizonte menos sombrio, associado a um menor risco de depressão na infância. Em contrapartida, abordagens mais autoritárias ou negligentes podem ser como vendavais, aumentando a probabilidade de conflitos emocionais e comportamentais, incluindo a sombra da depressão. O tom da interação parental e a sensibilidade dos pais às emoções e necessidades das crianças são pilares essenciais na construção da fortaleza emocional (YAP; JORM, 2015).

Crianças envoltas em padrões internalizantes, caracterizados pelo retraimento,

ansiedade e tristeza, parecem, de alguma maneira, mais propensas a transitar pelos corredores da depressão. Ademais, padrões externalizantes, como o comportamento agressivo ou desafiador, também foram traçados como roteiros que conduzem à depressão na infância. Decifrar esses padrões e suas interações com o ambiente é uma chave dourada para desvendar estratégias de intervenção e prevenção (LINS; ALVARENGA, 2015).

Estratégias adaptativas, como buscar apoio social, expressar emoções de forma saudável e criar habilidades para resolver problemas, são como escudos protetores contra o avanço da depressão. Entretanto, estratégias mal adaptativas, como a evasão ou a negação, podem se converter em portas abertas para a vulnerabilidade à depressão (COMPAS et al., 2017).

Uma autoimagem radiante emerge como um guardião, reduzindo a vulnerabilidade à depressão. Experiências familiares, interações sociais e conquistas pessoais forjam o molde da autoestima. É crucial explorar essa jornada ao longo do tempo, compreendendo como fortalecer esse esteio para mitigar os riscos da depressão infantil (ORTH; ROBINS; WIDAMAN, 2012).

As habilidades sociais, como peças valiosas, têm um impacto fulcral no enredo emocional das crianças. Falhas nessas habilidades, como dificuldades na interação com colegas, problemas de comunicação ou a ausência de habilidades para lidar com conflitos, podem pavimentar o caminho para o isolamento social e, por conseguinte, aumentar o risco de mergulhar na depressão. Identificar e promover habilidades sociais positivas desponta como uma chave essencial na prevenção da depressão e na construção de relacionamentos interpessoais saudáveis (ASHDOWN; BERNARD, 2012).

6. CONTEXTO CULTURAL E SOCIOECONÔMICO

No intrincado universo infantil, é inegável o peso dos fatores culturais e socioeconômicos na moldura da depressão infantil. As nuances culturais assumem uma posição de destaque, sendo vitais na interpretação e abordagem dos sintomas depressivos. Entre diferentes culturas, as percepções divergem, e isso impacta diretamente a maneira como a depressão é percebida e tratada. Em algumas vertentes culturais, a depressão pode ser vista como fraqueza ou descrença, o que pode obstaculizar a busca por cuidados apropriados. Daí a importância de compreender profundamente como essas nuances culturais influenciam a compreensão e tratamento da depressão em contextos diversos (SHAFI; SHAFI, 2014).

A disparidade econômica e o acesso desigual aos serviços de saúde mental são desafios que ecoam em muitos lares. A disponibilidade de atendimento psicológico, o acesso a profissionais capacitados e o suporte familiar se divergem grandemente entre diferentes estratos sociais. Famílias com recursos financeiros limitados muitas vezes enfrentam barreiras para

acessar intervenções e tratamentos adequados, erguendo um muro que aumenta o risco de desenvolvimento de depressão (WILLIAMS; PRIEST; ANDERSON, 2016).

Crianças inseridas em contextos de pobreza enfrentam riscos exacerbados, como instabilidade familiar, violência, escassez de assistência médica adequada e ambientes comunitários adversos. Esses fatores podem desempenhar um papel primordial no aumento da vulnerabilidade à depressão na infância (WILLIAMS; PRIEST; ANDERSON, 2016).

Todavia, é imperativo não negligenciar os elementos de resistência nesses contextos culturais e socioeconômicos. A resiliência se revela como um farol a guiar os passos infantis, forjando habilidades de enfrentamento diante dos estressores. Programas comunitários, apoio familiar e acesso a uma educação de qualidade surgem como escudos protetores, auxiliando as crianças na batalha contra os estressores e reduzindo o risco de queda na depressão (UNGAR, 2011).

7. INTERVENÇÕES E ESTRATÉGIAS PREVENTIVAS

A Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC), renomada por sua eficácia, emerge como uma importante abordagem no tratamento da depressão infantil. Este método focaliza na identificação e reformulação dos pensamentos negativos e comportamentos prejudiciais, capacitando a criança a tecer habilidades de enfrentamento. Em paralelo, a Terapia Familiar, englobando todo o núcleo familiar no processo terapêutico, reconhece o influente papel do contexto familiar no equilíbrio da criança (BHIDE; CHAKRABORTY, 2020).

Além dessas abordagens, estratégias preventivas alinhadas aos fatores de risco descortinam novos horizontes. Os programas de treinamento de habilidades sociais, por exemplo, almejam polir a interação social e aprimorar as habilidades comunicativas, conferindo à criança ferramentas para driblar as tempestades do estresse e da pressão social. Buscam, ainda, erguer pilares de resiliência, capacidade de enfrentamento e autoestima, baluartes associados à diminuição do índice de depressão na infância (BRUNWASSER; GILLHAM; KIM, 2009).

Nessa jornada intrincada, urge ressaltar a variação na eficácia dessas intervenções, um mosaico colorido por diferentes grupos demográficos, contextos culturais e econômicos. Torna-se crucial adaptar as intervenções à especificidade de cada grupo, sintonizando-se com suas nuances culturais e sociais. O acesso a essas intervenções, todavia, emerge como um tópico crucial, pois a ausência de recursos em saúde mental pode ofuscar a efetividade das estratégias preventivas (BHIDE; CHAKRABORTY, 2020; WILLIAMS; PRIEST; ANDERSON, 2016).

Os programas de intervenção em saúde mental infantil desempenham um papel primordial na identificação precoce e no amparo às crianças em situação de risco. Esses programas podem ser alicerçados em comunidades ou no ambiente escolar, oferecendo apoio

psicossocial, orientação e acesso aos serviços de saúde mental. Porém, o desafio persistente reside na implementação eficaz desses programas, obstruídos por desafios como financiamento escasso, déficit de profissionais treinados e estigmas associados à saúde mental (MERRY et al., 2011).

Adentrando o labirinto das políticas de saúde mental infantil, elas desempenham um papel central na facilitação do acesso às intervenções e estratégias preventivas. Políticas que abraçam a saúde mental desde a infância podem acarretar um impacto positivo, abrindo portas aos serviços, alocando fundos para programas preventivos e difundindo a consciência sobre a saúde mental. Contudo, o desafio persiste na garantia da implementação eficaz dessas políticas em variados contextos (CLEMENT et al., 2015).

8. CONCLUSÃO

Fatores genéticos e biológicos entrelaçam-se com o ambiente familiar, relacionamentos sociais e adversidades na infância, formando um denso emaranhado de fatores que aumentam as taxas de desenvolvimento de depressão na infância.

Os padrões genéticos associados ao processamento de neurotransmissores e resposta ao estresse revelam-se como um dos pilares nesse cenário. No entanto, a interação com o ambiente também desempenha um papel crucial, onde disfunções familiares, eventos traumáticos, abusos sofridos, negligências e mudanças de ambiente disruptivas erguem-se como problemas persistentes. O contexto socioeconômico e cultural adiciona camadas complexas, influenciando a percepção e afetando a saúde mental da criança, especialmente em contextos de disparidade e dificuldade de acesso a recursos e serviços de saúde.

Mais estudos são necessários a fim de avaliar a eficácia a longo prazo de medidas preventivas com enfoque nesses fatores de risco, com o objetivo central de proteger a saúde das crianças em um mundo repleto de adversidades.

REFERÊNCIAS

AMATO, P. R. The Consequences of Divorce for Adults and Children: An Update. **Drustvena istrazivanja**, v. 23, n. 1, p. 5–24, 1 mar. 2014.

ASHDOWN, D. M.; BERNARD, M. E. Can Explicit Instruction in Social and Emotional Learning Skills Benefit the Social-Emotional Development, Well-being, and Academic Achievement of Young Children? **Early Childhood Education Journal**, v. 39, n. 6, p. 397–405, 24 jan. 2012.

BHIDE, A.; CHAKRABORTY, K. General Principles for Psychotherapeutic Interventions in Children and Adolescents. **Indian Journal of Psychiatry**, v. 62, n. 8, p. 299, 2020.

BLACK, S. R.; GOLDSTEIN, B. L.; KLEIN, D. N. Parental depression moderates the relationships of cortisol and testosterone with children's symptoms. **Journal of Affective Disorders**, v. 251, p. 42–51, maio 2019.

BRUNWASSER, S. M.; GILLHAM, J. E.; KIM, E. S. A meta-analytic review of the Penn Resiliency Program's effect on depressive symptoms. **Journal of Consulting and Clinical Psychology**, v. 77, n. 6, p. 1042–1054, 2009.

CLEMENT, S. et al. What is the impact of mental health-related stigma on help-seeking? A systematic review of quantitative and qualitative studies. **Psychological Medicine**, v. 45, n. 1, p. 11–27, 21 jan. 2015.

COMPAS, B. E. et al. Coping, emotion regulation, and psychopathology in childhood and adolescence: A meta-analysis and narrative review. **Psychological Bulletin**, v. 143, n. 9, p. 939–991, set. 2017.

COPELAND, W. E. et al. Adult Psychiatric Outcomes of Bullying and Being Bullied by Peers in Childhood and Adolescence. **JAMA Psychiatry**, v. 70, n. 4, p. 419, 1 abr. 2013.

EVANS, G. W.; KIM, P. Childhood Poverty, Chronic Stress, Self-Regulation, and Coping. **Child Development Perspectives**, v. 7, n. 1, p. 43–48, 6 mar. 2013.

FORBES, E. E.; DAHL, R. E. Research Review: Altered reward function in adolescent depression: what, when and how? **Journal of Child Psychology and Psychiatry**, v. 53, n. 1, p. 3–15, 28 jan. 2012.

GALBALLY, M. et al. Trans-generational stress regulation: Mother-infant cortisol and maternal mental health across the perinatal period. **Psychoneuroendocrinology**, v. 109, p. 104374, nov. 2019.

LINS, T.; ALVARENGA, P. Controle Psicológico Materno e Problemas Internalizantes em Pré-Escolares. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 31, n. 3, p. 311–319, set. 2015.

MCLAUGHLIN, K. A. et al. Causal effects of the early caregiving environment on development of stress response systems in children. **Proceedings of the National Academy of Sciences**, v. 112, n. 18, p. 5637–5642, 5 maio 2015.

MCLAUGHLIN, K. A. et al. Maltreatment Exposure, Brain Structure, and Fear Conditioning in Children and Adolescents. **Neuropsychopharmacology**, v. 41, n. 8, p. 1956–1964, 18 jul. 2016.

MENTA, G. et al. Maternal genetic risk for depression and child human capital. **Journal of Health Economics**, v. 87, p. 102718, jan. 2023.

MERRY, S. N. et al. Psychological and educational interventions for preventing depression in children and adolescents. Em: MERRY, S. N. (Ed.). **Cochrane Database of Systematic**

Reviews. Chichester, UK: John Wiley & Sons, Ltd, 2011.

NORMAN, R. E. et al. The Long-Term Health Consequences of Child Physical Abuse, Emotional Abuse, and Neglect: A Systematic Review and Meta-Analysis. **PLoS Medicine**, v. 9, n. 11, p. e1001349, 27 nov. 2012.

ORTH, U.; ROBINS, R. W.; WIDAMAN, K. F. Life-span development of self-esteem and its effects on important life outcomes. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 102, n. 6, p. 1271–1288, jun. 2012.

PLUESS, M.; BELSKY, J. Differential susceptibility to rearing experience: the case of childcare. **Journal of Child Psychology and Psychiatry**, v. 50, n. 4, p. 396–404, 25 abr. 2009.

SHAFI, A. M. A.; SHAFI, R. M. A. Cultural Influences on the Presentation of Depression. **Open Journal of Psychiatry**, v. 04, n. 04, p. 390–395, 2014.

UNGAR, M. The social ecology of resilience: Addressing contextual and cultural ambiguity of a nascent construct. **American Journal of Orthopsychiatry**, v. 81, n. 1, p. 1–17, jan. 2011.

WILLIAMS, D. R.; PRIEST, N.; ANDERSON, N. B. Understanding associations among race, socioeconomic status, and health: Patterns and prospects. **Health Psychology**, v. 35, n. 4, p. 407–411, abr. 2016.

XIA, L.; YAO, S. The Involvement of Genes in Adolescent Depression: A Systematic Review. **Frontiers in Behavioral Neuroscience**, v. 9, 21 dez. 2015.

YAP, M. B. H. et al. Parental factors associated with depression and anxiety in young people: A systematic review and meta-analysis. **Journal of Affective Disorders**, v. 156, p. 8–23, mar. 2014.

YAP, M. B. H.; JORM, A. F. Parental factors associated with childhood anxiety, depression, and internalizing problems: A systematic review and meta-analysis. **Journal of Affective Disorders**, v. 175, p. 424–440, abr. 2015.